

DOCENCIOGRAMA: INSTRUMENTO DE AUTO E HETEROAVALIAÇÃO DOCENTE

Docentiogram: Instrument Self and Hetero-evaluation for Instructor

Júlio César Royer

RESUMO. A avaliação do desempenho de professores é importante para a qualificação, em primeiro lugar, dos próprios docentes, e conseqüentemente da educação em geral, incluindo a educação conscienciológica. Este artigo discute a questão da avaliação do desempenho docente em Conscienciologia e propõe uma planilha técnica com 50 questões agrupadas em 7 sessões. Cada seção enfoca uma característica, aspecto ou dimensão importante no trabalho do professor. A planilha foi estruturada para permitir a auto e heteroavaliação da atuação do professor mediante a observação da aula, tanto no período da formação docente quanto após a formação, incluindo questões elementares e questões referenciando desempenhos avançados, objetivando fornecer subsídios para sua qualificação.

Palavras-chave: Docenciograma; Avaliação docente; Ficha de avaliação formativa.

ABSTRACT. Teachers performance evaluation is important for the qualification, first of all, of teachers themselves, and consequently of education in general, including conscienciological education. This article discusses the question of teacher performance evaluation in Conscienciology and proposes a technical worksheet with 50 questions grouped in 7 sessions. Each session focuses on an important characteristic, aspect or dimension in the teacher's work. The worksheet was structured to allow self and hetero-evaluation of the teacher's performance by observing the lesson, both in the period of teacher training and after training, including elementary questions and questions referring to advanced performances, aiming to provide subsidies for their qualification.

Keywords: Docentiogram; Teacher evaluation; Formative evaluation sheet.

INTRODUÇÃO

A atividade docente, especialmente em Conscienciologia é complexa, e o professor ou professora pode se manter em um crescendo de maturidade e qualidade docente investindo em sua formação continuada, em autopesquisa e reciclagens. Esse processo parece não ter fim, tal qual a evolução da consciência. Isso envolve, naturalmente, a avaliação dos autodesempenhos docentes e a conseqüente identificação de habilidades já conquistadas e outras a desenvolver. Esse processo avaliativo é útil não só durante a fase de aprimoramento docente, mas também durante a formação inicial dos professores.

No intuito de sistematizar os critérios de avaliação desempenho docente e diminuir a subjetividade no processo, a Associação Internacional de Parapedagogia e Reeducação Consciencial – Reaprendentia, utiliza no Curso para Formação de Professores de Conscienciologia – CFPC,

uma ficha de avaliação formativa. Ao final de cada aula, o professorando preenche a sua cópia, fazendo uma autoavaliação, e o parapedagogo preenche outra cópia com a heteroavaliação da aula do professorando. A observação dos resultados da utilização dessa ficha na formação docente levou à intenção de tornar este tipo de instrumento acessível a qualquer professor disposto a fazer uma avaliação abrangente das suas aulas. Daí a criação do Docenciograma.

O Docenciograma é a planilha técnica auxiliar na mensuração possível da qualidade do desempenho do professor de Conscienciologia (ROYER, 2017). Inspirado na ficha de avaliação formativa do CFPC, foi pensado para possibilitar auto e heteroavaliações das aulas, tanto de professorandos quanto de professores formados, em atividade, incluindo questões técnicas e atitudinais, básicas e avançadas.

O restante deste artigo está assim organizado: a seção 1 trata de alguns aspectos relevantes sobre a avaliação de professores; a seção 2 aborda a estrutura da ficha de avaliação formativa; a seção 3 trata da estrutura do docenciograma, alguns aspectos otimizadores da sua utilização e traz as questões de avaliação propostas; finalmente, são apresentadas as considerações finais.

1. ASPECTOS DA AVALIAÇÃO DE PROFESSORES

O processo de avaliação de desempenho está presente na nossa cultura desde a escola primária. Associado à avaliação está o temor de reprovação, seja em uma atividade de uma disciplina, seja ao final do ano letivo, com a conseqüente perda de um ano escolar. Em outras situações, um processo avaliativo também é usado para selecionar as pessoas que poderão entrar em um curso universitário concorrido ou uma vaga de emprego. Talvez por isso seja tão frequente a tensão gerada frente a qualquer processo avaliativo.

Na educação formal, os alunos estão regularmente submetidos a avaliações, mas os esforços para a avaliação regular do desempenho dos professores são mais recentes no Brasil, por meio das comissões próprias de avaliação das instituições de ensino, cobradas pelo Ministério da Educação. É relativamente fácil encontrar instrumentos de avaliação docente, a exemplo de UFRGS (2016), PUC-SP (2016) e Stronge (2010), embora esses instrumentos sejam geralmente centrados na heteroavaliação e frequentemente usados para fins de promoção profissional e melhoria dos indicadores de qualidade dos cursos junto ao Ministério da Educação.

Em se tratando de aulas de Conscienciologia, os alunos procuram os cursos voluntariamente, sem visar certificados úteis em uma progressão profissional, ou algo similar. Assim, os processos de avaliação cognitiva ou de desempenho não são onipresentes. Trata-se de uma questão a ser melhor pesquisada e debatida se a inclusão de atividades autoavaliativas com maior frequência pode auxiliar, por um lado, na avaliação e melhoria do nível de compreensão, pelos alunos, dos conteúdos abordados, e por outro lado, subsidiando a melhoria didática contínua do curso e do professor.

Mas quando se trata de formação docente, é necessário algum processo avaliativo, de modo a garantir um nível razoável de competência docente e minimizar os erros de interpretação de conceitos passados pelos novos professores aos seus futuros alunos. No mínimo heteroavaliações por professores mais experientes são realizadas, mesmo que de modo não sistematizado. O ideal é o professorando aprender a realizar a autoavaliação docente, de modo a promover a reciclagem docente contínua. O professor precisa se expor diante da turma, e essa exposição revela trafores, trafores e trafores.

O fato de haver um processo avaliativo aliado à autexposição na complexa atividade docente conscienciológica frequentemente gera tensões nos professorandos, mesmo sabendo tratar-se de um processo assistencial. Aliada a essa tensão, existe a dificuldade de fazer avaliações decorrente de distorções de percepção de certos aspectos da aula. A realização de sequências de auto e heteroavaliações das aulas propicia validações e correções de percepções, reduzindo as distorções avaliativas e a tensão associada à avaliação.

O detalhismo crescente, aliado à autossinceridade e autocrítica cosmoética contribuem em grande medida para a acurácia do processo avaliativo.

Se o trabalho da docência formal (por exemplo, a docência universitária) já é complexo, com vários os fatores que podem ser observados / avaliados (a exemplo do domínio do conteúdo, organização da sequência de assuntos, preparação do ambiente para a aula, preparação de dinâmicas didáticas, uso de recursos didáticos, tom de voz, ritmo da fala, gerenciamento do timing, interação com os alunos, identificação e atendimento de dúvidas), as aulas de Conscienciológica ainda acrescentam uma complexidade adicional, com as percepções / interações energéticas e a conexão com a equipex. Dada essa complexidade, é natural os professorandos ou professores novatos não lembrarem da maioria destes itens durante a maior parte da aula. Com a repetição da experiência de avaliação das próprias aulas o professor desenvolve gradativamente a habilidade de avaliar mais aspectos simultaneamente.

É importante ressaltar a qualidade da intenção dos avaliadores para a realização da tarefa assistencial de avaliação da aula de um professor. O objetivo deve ser sempre ajudar o professor a superar gargalos, e a enxergar o que funcionou (trafores) e o que pode melhorar (trafares/trafaais) da aula, evitando a postura mais fácil de só apontar os trafores, o que, com frequência, desmotiva o professor.

2. FICHA DE AVALIAÇÃO FORMATIVA

O processo de avaliação de desempenho de professores é sempre subjetivo, e pode contar com vários instrumentos. Mesmo uma avaliação por meio de uma prova com nota numérica refletindo um percentual de acerto inclui subjetividade na escolha das questões, no valor atribuído a cada questão e, se a questão for descritiva, na avaliação do quanto a resposta está correta. Além disso, uma avaliação numérica, simplesmente com uma nota não registra, por si só, quais objetivos de aprendizagem foram alcançados, e quais deficiências ainda persistem.

Tendo isso em mente, um dos principais instrumentos para mensurar o desempenho do professorando utilizados na Reaprendentia é a ficha de avaliação formativa. Essa ficha foi criada com o objetivo de auxiliar uma avaliação abrangente e sistematizada das aulas, durante a formação docente. Ela é frequentemente atualizada, e possui 47 de questões (data base fevereiro de 2017), agrupadas de acordo com as fases do Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica (conteúdo, transposição didática, interação com o campo energético parapedagógico, fazer parapedagógico e interassistencialidade) (ALVES, 2013), acrescentadas da Pré-aula de Conscienciológica (KLEIN, 2010).

Cada questão ocupa uma linha, e possui oito colunas para avaliar as 8 aulas do professorando previstas no curso. As opções de resposta possíveis são S (Sim), N (Não), P (Parcialmente), NA (Não se Aplica) e NO (Não Observado). Há ainda espaço para observações para cada grupo de questões, além de folhas dedicadas às recomendações e *puzzles* parapedagógicos (questões a serem pesquisadas/trabalhadas). A ideia é fornecer um panorama da evolução do desempenho em ca-

da questão específica e também em cada fase do referido ciclo, orientando os investimentos do professorando na própria formação e também o acompanhamento e decisões da equipe de parapedagogos. O uso dessa ficha e seus efeitos na formação docente é abordado em Frederico (2016) e Lopes (2015).

3. ESTRUTURA DO DOCENCIOGRAMA

O docenciograma foi pensado para atender tanto à auto quanto heteroavaliação, durante a formação docente e durante a avaliação continuada do professor em atividade. A ideia é incluir questões cobrindo desde aspectos básicos até habilidades avançadas da docência conscienciológica, sem pretensão de esgotar o assunto. A estrutura proposta para o docenciograma é composta por 7 sessões: pré-aula, domínio de conteúdo, transposição didática, interação com os alunos, interação com o campo energético parapedagógico, fazer parapedagógico e interassistencialidade. Essa estrutura se assemelha à estrutura da ficha de avaliação formativa do CFPC, com o acréscimo de mais uma seção, de interação com os alunos, envolvendo questões tratadas nas fases da transposição didática e da interação com o campo energético parapedagógico do ciclo de qualificação da práxis parapedagógica. Essa seção foi proposta para tornar mais clara a separação entre a preparação do plano de aula / material didático e a dinâmica de interação com os alunos em sala de aula. Ao mesmo tempo, evidencia o aspecto parapsíquico na avaliação da interação com o campo energético parapedagógico.

Em cada seção são apresentadas 7 ou 8 questões avaliativas, totalizando 50 questões. Algumas questões são de cunho íntimo, não observáveis diretamente por outra pessoa, embora apresentem relação com o desempenho do professor. Para essas questões, no caso de autoavaliação, o(a) professor(a) ou professorando(a) pode responder diretamente, mas no caso de heteroavaliação é necessário perguntar ao professor.

3.1. Descrição das Seções

3.1.1. Pré-aula

A pré-aula é a fase de preparação para a aula, visando o melhor proveito possível da futura aula de Conscienciologia. Essa fase influencia significativamente o desempenho do professor durante a aula. Também é um período rico em termos parapsíquicos, se o professor estiver atento, dada a riqueza de situações possíveis de serem observadas. Klein (2010) descreve uma relação com 48 características possíveis de serem observadas na pré-aula.

3.1.2. Domínio de Conteúdo

É a fase do Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica (CQPP) que trata do *conjunto de saberes formais e informais do professor de Conscienciologia* (ALVES, 2013). A ênfase aqui é a compreensão, a cognição, as experiências e reflexões do professor a respeito do tema da aula. Inclui também a polimatia ou erudição do professor a respeito do tema.

3.1.3. Transposição Didática

É a segunda fase do CQPP, com ênfase na seleção, organização e adequação do conteúdo de modo a torná-lo compreensível aos alunos. Alguns aspectos tratados na literatura de transposição didática foram separados para a seção de interação com os alunos, para facilitar a avaliação.

Algumas dicas práticas para a transposição didática, relacionadas com as perguntas dessa seção podem ser encontradas em Royer (2015).

3.1.4. *Interação com os Alunos*

É uma seção dedicada a avaliar a qualidade da interação com os alunos presentes na aula, facilitada ou não pelas posturas e habilidades do professor.

3.1.5. *Interação com o Campo Energético Parapedagógico*

O campo energético parapedagógico é o somatório das energias gravitantes no ambiente com as energias manifestadas pelas consciências e consciências presentes ao momento da aula. É a inter fusão dos holopenseões dos presentes (local, consciências e consciências). Esta seção trata da sensibilidade e domínio energético do professor aplicados à sua interação com este campo.

3.1.6. *Fazer Parapedagógico*

É a quarta fase do CQPP, caracterizada *pela atuação da equipe extrafísica sobre o professor, alunos e consciências ligadas ao contexto multidimensional da aula* (ALVES, 2013). A ênfase é a captação de ideias da equipe. A interação com o campo energético predispõe o fazer parapedagógico.

3.1.7. *Interassistencialidade*

É a quinta fase do CQPP, caracterizada pelo uso de informações para realizar a assistência em sala de aula, notadamente a tares. Envolve algum grau de expansão cognitiva, especialmente por parte dos alunos. É o objetivo principal do esforço da aula. Pode ser desencadeada, por exemplo, a partir da cognição do professor, de alguma informação planejada no material didático do professor, a partir da interação professor-aluno, da interação energética ou de inspirações extrafísicas ao professor ou diretamente ao aluno (fazer parapedagógico).

3.2. **Questões Avaliativas**

3.2.1. *Pré-aula*

Plano. O plano de aula é elaborado com antecedência apropriada, contemplando os objetivos de aprendizagem e a seleção de conteúdo e dos recursos e métodos didáticos a serem utilizados?

Sincronicidades. As frequentes sincronicidades em relação ao tema da futura aula, capazes de enriquecer os exemplos e as abordagens didáticas são percebidas e valorizadas?

Contrafluxos. Os contrafluxos são identificados e inteligentemente contornados?

Parapercepções. Os diferentes tipos de parapercepções frequentes nesse período, a exemplo de iscagens, amparo e assédio são percebidos, diferenciados e devidamente tratados?

Profilaxia. São implementadas ações profiláticas a fim de minimizar acidentes de percurso?

Amparabilidade. O padrão de autorganização do tempo, espaço e energias, predispõe a inspiração extrafísica durante a preparação para a aula?

Assistência. Qual o nível do empenho pessoal no desassédio de alunos antes da aula, por meio da prática da tenepes, de projeções assistenciais ou de exteriorizações energéticas, facilitando a chegada deles à aula?

3.2.2. Domínio de Conteúdo

Estudo. A rotina de estudos de Conscienciologia está consolidada?

Compreensão. O tema da aula é compreendido e refletido em profundidade?

Atualização. Os conceitos abordados estão atualizados?

Associações. São estabelecidas associações esclarecedoras com outros temas?

Teática. Há esforço na busca da teática (conteúdo vivenciado) em relação ao tema?

Falácias. Argumentos falaciosos ou apelativos, a exemplo de generalização apressada, inversão do ônus da prova e apelo à autoridade são identificados e evitados?

Polimatia. Apresenta polimatia ou erudição, compreendendo as visões das diversas linhas de conhecimento e nuances sobre o tema, de modo a conseguir acessar e esclarecer pessoas com bagagens culturais diferentes?

3.2.3. Transposição Didática

Definições. São estabelecidas definições claras para os conceitos abordados?

Sinônimos. São usados, dentro do possível, ao menos 2 sinônimos para cada termo passível de gerar interpretação dúbia, a fim de evitar aceção diversa da esperada?

Conhecimentos. É realizado um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos ao introduzir um novo conceito?

Sequência. As sequências de raciocínio são lógicas, partindo dos conceitos mais simples aos mais complexos?

Recursos. Recursos didáticos (exemplos, analogias, esquemas, cotejos, desenhos, imagens, gráficos) são usados apropriadamente?

Prioridades. São estabelecidas prioridades para os assuntos da aula, a fim de evitar a falta de tempo para assuntos essenciais dentro do tema da aula?

Metodologias. São competentemente aplicadas, quando oportuno, metodologias ativas visando maior compreensão e retenção do assunto pelos alunos?

3.2.4. Interação com os Alunos

Participação. A participação dos alunos é permitida, incentivada e tratada com atenção?

Presença. A força presencial manifestada é hígida e capaz de manter a atenção dos alunos?

Cortesia. É estabelecido e mantido nível de cortesia adequado no trato com os alunos?

Humor. O bom-humor é bem utilizado, alternando momentos sérios (sem sisudez) com momentos mais leves, descontraídos?

Monopólio. Todos os alunos são incluídos, sem permitir ao aluno monopolizar a aula em prejuízo dos demais e da abordagem de assuntos essenciais?

Linguagem. A linguagem, tom de voz, ritmo da fala, dicção e caligrafia são adequadas à compreensão e facilitam a interação com os alunos?

Timing. O timing da aula é respeitado, evitando atrasos e falta de tempo para assuntos essenciais?

3.2.5. Interação com o Campo Energético Parapedagógico

Instalação. O horário de chegada é suficientemente antecipado para preparar o ambiente e instalar o campo energético parapedagógico adequadamente?

EV. É dada a devida atenção à acalmia íntima, à instalação do EV e à predisposição ao parapsiquismo durante toda a aula?

Checagem. É realizada a checagem energética do próprio energossoma, do ambiente e dos alunos antes do início da aula?

Expressões. As expressões faciais dos alunos são observadas e interpretadas durante a aula?

Acoplamento. É estabelecido acoplamento energético técnico com o aluno enquanto o mesmo faz a pergunta, buscando entender melhor a dúvida?

Percepções. Fluxos energéticos ou variações no campo energético durante a aula são percebidos com frequência? As origens e os motivos são identificados?

Exteriorizações. Na condição de epicentro da aula, o(a) professor(a) exterioriza energias para o campo quando necessário?

3.2.6. Fazer Parapedagógico

Intenção. O contato com os amparadores de função é intencionalmente buscado?

Espaço. É deixado espaço consciencial para a aproximação do amparo?

Conceptáculo. O holopense pessoal funciona ao modo de conceptáculo para inspirações extrafísicas?

Presença. A presença da equipex é percebida?

Identificação. A presença de amparadores já conhecidos é identificada?

Inspiração. As expansões de ideias e inspirações ocorrem com frequência?

Uso. As inspirações extrafísicas são, em geral, usadas em benefício da turma?

3.2.7. Interassistencialidade

Empatia. O ambiente criado favorece aos alunos se sentirem à vontade para interagir e perguntar?

Paciência. O professor tem paciência para ouvir e entender a pergunta antes de responder?

Esclarecimento. Em geral, consegue esclarecer as consciências presentes, em relação ao conteúdo apresentado e às dúvidas formuladas?

Verificação. Há o cuidado de verificar se os conceitos trabalhados foram corretamente compreendidos? Com quais técnicas?

Flexibilidade. Existe flexibilidade para abrir mão de conteúdos secundários para atender às demandas da turma, ou o conteúdo programado é rigidamente seguido?

Posicionamento. Expressa posicionamento franco e refletido sobre temas polêmicos, ciente de limitações pessoais, buscando a cosmoética e a interassistencialidade?

Abertismo. É evidente o abertismo à possibilidade de rever conceitos e posicionamentos, diante de novos dados, argumentos ou pontos de vista?

Euforin. Ao final da aula, é percebida a leve euforin, indicando o completismo da tarefa assistencial realizada?

As respostas a cada questão ficam a cargo do professor, podendo ser dadas em uma escala numérica, por exemplo, de 0 a 10, sendo 0 representando uma incapacidade com relação ao desempenho avaliado pela questão, e 10 um domínio consolidado e veterano a esse respeito. Também pode-se optar por atribuição de conceitos, a exemplo das opções citadas na seção da ficha de avaliação formativa, ou outra escala considerada mais adequada, por exemplo, associada à frequência de ocorrência (nunca, raramente, algumas vezes, muitas vezes, quase sempre). Para facilitar a comparação de desempenho ao longo do tempo, e observar o progresso, é importante manter a mesma escala de avaliação em todos os momentos de aplicação do docenciograma.

A expectativa é que a aplicação do docenciograma auxilie na avaliação do desempenho dos professores interessados no autoaprimoramento docente ao longo do tempo, contribuindo para a melhoria da qualidade das aulas de Conscienciologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta uma proposta inicial de instrumento para auto e heteroavaliação da atividade docente, aplicável tanto à formação docente inicial quanto à qualificação e formação continuada do professor já em atividade. Em cada seção há questões fazendo referência a aspectos mais elementares, e outras a habilidades mais avançadas. A estrutura e boa parte das questões foram inspiradas na ficha de avaliação formativa utilizada no curso para a formação de professores de Conscienciologia da Reaprendentia.

Como trabalho futuro, por se tratar de uma proposta inicial, o docenciograma pode ser aperfeiçoado e expandido, tanto em número de sessões quanto em número de questões por seção.

REFERÊNCIAS

1. ALVES, Hegrison; *Ciclo de qualificação da práxis parapedagógica*; Revista de Parapedagogia; Vol. 3; N.3; Foz do Iguaçu, PR; 2013; p. 11-19.
2. FREDERICO, Lucimara Ribas; *Instrumento de avaliação formativa auxiliando nas reciclagens intraconscienciais*; Revista de Parapedagogia; Vol. 6, N. 6; Foz do Iguaçu, PR; 2016; p. 23-33.
3. LOPES, Robson; *Transição evolutiva no processo da formação da docência conscienciológica*; Revista de Parapedagogia; Vol. 5, N. 5; Foz do Iguaçu, PR; 2015; p. 93-99.
4. KLEIN, William; *Aspectos da Pré-aula de Conscienciologia*; Conscientia; revista; trimestral; Vol. 14; N. 4; Foz do Iguaçu, PR; 2010; p. 480-487.
5. PUC-SP; *Formulário de avaliação do professor pelo aluno*; Disponível em: <http://www.pucsp.br/cpa/downloads/FORMULARIO_DE_AVALIACAO_DO_PROFESSOR_PELo_ALUNO.pdf>; Acesso em 26 de fevereiro de 2017.
6. ROYER, Júlio; *Conteúdo parapedagógico e transposição didática em aulas de Conscienciologia*; Revista de Parapedagogia; Vol. 5; N. 5; Foz do Iguaçu, PR; 2015; p. 3-10.
7. ROYER, Júlio; *Docenciograma*; In: Vieira, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciologia*; Edição online; Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>; Acesso em 28 de fevereiro de 2017.
8. STRONGE, James H; *Sistema de avaliação do desempenho do professor*; AASSA – Associação das Escolas Americanas da América do Sul; 2010; Disponível em <https://www.aassa.com/uploaded/Educational_Research/OSAC/Evaluation_Systems/handbook_in_portuguese.pdf>; Acesso em 26 de fevereiro de 2017.
9. UFRGS; *Avaliação de disciplinas*; Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/sai/avaliacao-interna/arquivos-4o-ciclo/instrumento.pdf>>; Acesso em 26 de fevereiro de 2017.

Júlio César Royer é professor universitário, doutor em métodos numéricos em engenharia, voluntário da Conscienciologia desde 1994, e da Reaprendentia desde 2007, docente de Conscienciologia desde 1997, tenepessista desde 1998. E-mail julio.royer@reaprendentia.org